



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

MAIRA MONIQUE DA SILVA ARAÚJO

VIOLÊNCIA ESCOLAR: Sobre métodos e atitudes utilizadas dos professores
do ensino fundamental menor em uma escola municipal de Castanhal

Castanhal-PA

2017

MAIRA MONIQUE DA SILVA ARAÚJO

VIOLÊNCIA ESCOLAR: Sobre métodos e atitudes utilizadas por professores do ensino fundamental menor em uma escola do município de Castanhal

Castanhal-PA

2017

MAIRA MONIQUE DA SILVA ARAÚJO

VIOLÊNCIA ESCOLAR: Sobre métodos e atitudes utilizadas por professores do ensino fundamental menor em uma escola do município de Castanhal

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos (Orientador)

Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos (Membro)

Castanhal-PA

2017

Dedico este trabalho a todos os indivíduos que já foram vítimas da violência ou que compõem um ambiente onde a violência está predominantemente presente. Principalmente aos educadores e alunos que são as vítimas mais recorrentes dentro do ambiente escolar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para completar essa jornada.

A todos os professores que compõem o corpo docente da Universidade Federal do Pará que contribuíram para o meu desenvolvimento enquanto discente, em especial ao Professor Dr. João Batista Santiago Ramos, pelo incentivo, dedicação e orientações.

Aos meus pais que me ajudaram sempre, independente das dificuldades, sempre estiveram dispostos a me ajudar e se empenharam para que eu não desistisse.

As minhas amigas e companheiras de curso que estiveram comigo durante toda esta jornada me apoiando e ajudando sempre.

E ao meu namorado que sempre esteve ao meu lado, nos momentos mais difíceis, sempre incentivando e ajudando, para que eu chegasse até onde cheguei.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo de verificar os desafios enfrentados por professores com relação à violência na escola, com a perspectiva de teóricos referência no assunto como, Thomas Hobbes, Jean-Jacques Rousseau, Edward Lorenz e Hannah Arendt, e também reflexões sobre a formação de professores utilizando como referenciais estudiosos como Theodor Adorno e Marcelo García, sendo realizada uma pesquisa que assume a abordagem qualitativa com foco na capacitação de professores para lidar com situações de violência do cotidiano escolar, utilizando-se assim de entrevista com professores de series iniciais de uma escola municipal de Castanhal, mas precisamente do 2º ao 5º ano. Os resultados da pesquisa demonstram o pensamento e a visão dos professores atuantes em relação á formação e no lidar com situações de violência com crianças. Pensamento esses que destacam que este trabalho contribuirá de maneira significativa para o desenvolvimento de futuros educadores com o anseio de pesquisar e de se debruçar sobre o assunto; além de contribuir para a melhoria no trabalho das instituições com altos índices de violência e para a sociedade em si para que perceba e entenda que é função de todo e qualquer ser ensinar bons comportamentos e aconselhar a criança. Contudo os pais são quem possuem a responsabilidade principal, os comportamentos das crianças devem ser vistos e revistos no ambiente familiar pelos pais e/ou responsáveis para que casos de violência não aconteçam dentro das instituições de ensino.

Palavras-chave: Violência, Agressividade, Formação de Professores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
1. VIOLÊNCIA: EIXOS PARA O DESENVOLVIMENTO DESTA ATO	3
1.1 Violência no Ambiente Escolar	5
1.2 Violência e Agressividade na Perspectiva de Thomas Hobbes, Jean-Jacques Rousseau, Edward Lorenz e Hannah Arendt	12
1.2.1 Perspectiva de Jean-Jacques Rousseau acerca da Violência e da Agressividade	14
1.2.2 Edward Lorenz e suas explicações sobre Violência e Agressividade	15
1.2.3 Violência na Perspectiva de Hannah Arendt	16
CAPÍTULO II	
2. FORMAÇÃO DE PROFESSORES DAS SERIES INICIAIS	17
2.1 Formação de Professores e Violência Escolar	21
CAPÍTULO III	
METODOLOGIA	24
CAPÍTULO IV	
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

A atuação prática de professores em sala de aula sempre tem sido uma constante preocupação na área da educação, portanto estudar o desenvolvimento dos alunos principalmente nas séries iniciais, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Castanhal onde os alunos estão se desenvolvendo e adaptando-se a sua vida escolar, tem sido para mim bastante estimulante.

No entanto este profissional se depara com algumas situações as quais pode não está preparado para lidar ou desenvolver seus métodos. Crianças que demonstram atitudes violentas ou indisciplinadas com os colegas em sala de aula ou com as pessoas que as rodeiam.

Este trabalho tem por objetivo buscar conhecer os desafios enfrentados por professores para lidar com situações de violência em sala de aula que viesse a ferir ou afetar alguém, e assim conhecer - o quê? E como? Poderia ser feito e qual a melhor maneira de trabalhar com este aluno sem que as atitudes e os métodos possam afetá-lo de maneira satisfatória.

Neste sentido é de suma importância nesse estudo pesquisar sobre o fator da violência no espaço escolar, pois tenho visto nos processos empíricos o quanto vem acontecendo situações desagradáveis que envolvem professores, alunos e colegas de classe.

Diante disso minha pesquisa de TCC quer trazer como público alvo professores de séries iniciais e tendo como foco o debate sobre violência escolar. Para efetivar tal estudo penso que alguns autores tais como: Thomas Hobbes-destacando seus estudos sobre a violência juntamente com o estudioso Jean Jacques Rousseau, Edward Lorenz, Hannah Arendt e Bernard Charlot com suas reflexões acerca da violência na escola, Carlos Marcelo García e Theodor Adorno e suas reflexões sobre a formação de professores. Ajudaram-me a ancorar minhas reflexões, portanto esses autores serviram para mim como fio condutor teórico para minha pesquisa.

Para continuar esta reflexão entendo que a abordagem metodológica de meu estudo será qualitativa semiestruturada, onde pretendo usar como instrumento de pesquisa a entrevista, assim penso trabalhar com uma amostra significativa de professores para saber o que pensam.

Dito isto por fim vale ressaltar que este estudo traga uma efetiva contribuição para a universidade para a sociedade local e certamente me fará extremamente realizada com o meu trabalho efetivado.

Com base nessas colocações nos propomos a investigar a temática em questão a partir do seguinte problema: Quais os desafios enfrentados por professores para lidar com a violência entre alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

O primeiro capítulo exposto neste trabalho ressalta estudos acerca do termo violência, suas consequências, o que leva aos indivíduos praticarem este ato, o conceito e o entendimento de estudiosos e seus estudos acerca do tema exposto.

Apesar de não haver definitivamente um conceito sobre violência, pois cada estudioso compreende e expõe de uma forma, todos enfatizam que não é algo a ser praticado na escola. Assim,

Apesar de ainda existir dificuldades para definir o que se nomeia violência, alguns elementos consensuais sobre o tema podem ser delimitados: a noção de coerção ou força; o dano que se produz em indivíduo ou grupo de indivíduos pertencentes à determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia. (WAISELFISZ, 2011, p. 10).

No primeiro capítulo também se desenvolve estudos sobre a violência escolar, suas consequências, os motivos que geralmente ocasionam atos de violência nas instituições de ensino e estudos de teóricos que analisam e explicam sua visão sobre o tema.

O segundo capítulo é desenvolvido com o entendimento da formação de professores sua importância para o enfrentamento da violência. Além de estudos sobre a formação de professores nas séries iniciais e reflexão de teóricos que desenvolvem estudos acerca da formação de professores e violência escolar e também formação de professores das séries iniciais. Gauthier (1998) esboça uma teoria geral da Pedagogia que ressalta que: “Os elementos do saber profissional docente são fundamentais e podem permitir que os professores exerçam o seu ofício com muito mais competência”. (p. 17).

No terceiro capítulo decorre a metodologia: como foi selecionada a escola para o desenvolvimento da pesquisa, como foram selecionados os participantes da pesquisa, que foram professores das séries iniciais, e como a pesquisa decorreu em uma escola municipal de Castanhal.

No quarto capítulo é apresentado a transcrição do relato dos participantes, a análise dos dados coletados e os resultados que foram alcançados durante a pesquisa e a análise dos dados coletados.

CAPITULO I

1. VIOLÊNCIA: EIXOS PARA O DESENVOLVIMENTO DESTE ATO

Neste capítulo busca-se compreender as várias facetas da violência, os eixos que levam os indivíduos obterem este comportamento e praticar este ato uns com os outros. Todo e qualquer ato de machucar, denegrir ou explorar alguém, a si mesmo, a um grupo ou comunidade que resulte em ferimentos, mortes, danos psicológicos é chamado de violência.

O termo violência pode ser exposto em vários contextos, no entanto Michaud (1989) alerta em relação:

A dificuldade de se estabelecer o conceito de violência, já que os usos correntes do termo apresentam contrastes entre os sentidos e a própria etimologia da palavra. Cita-se como exemplo os dicionários de francês contemporâneo, onde violência é definida como o fato de agir sobre alguém ou de fazê-lo agir contra a sua vontade empregando a força ou a intimidação; b) o ato através do qual se exerce a violência; c) uma disposição natural para a expressão brutal dos sentimentos; d) a força irresistível de uma coisa; e) o caráter brutal de uma ação (p. 7).

Ainda para Michaud (1989), referindo-se à etimologia do termo, “violência” provém do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento ou bravio, força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a *vis*, que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa. Mais profundamente, a palavra *vis* significa a força em ação, o recurso de um corpo para exercer sua força e, portanto, a potência, o valor, a força vital (p. 8).

Compreender o termo “violência” no dicionário é importante para se obter o entendimento da sua definição. Assim como Marra (2007, p. 34), que ainda acrescenta o termo em línguas antigas, ou seja, a violência é entendida como “intervenção física voluntária de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo, cuja finalidade seja destruir, ofender ou coagir”. Assim, se pode compreender que o termo “violência” possua diversas definições.

A violência que geralmente se é estudada nos trabalhos é a física, no entanto, há diversos tipos de violência e diversos são os motivos causadores desse comportamento. São múltiplos os ambientes que se pode está exposto a um ato de violência principalmente em

ambientes com um número grande de pessoas como é o caso das instituições de ensino, onde a quantidade de crianças juntas convivendo com diversidades e comportamentos distintos são grandes, podendo assim ocasionar desentendimento entre os indivíduos.

Continuando com o conceito de “violência”, podemos raciocinar com relação às guerras que foram um ato histórico de violência, como apresenta Pesavento (2006) que compara os relatos históricos, obras artísticas e a sagrada escritura e se observa a transferência de, mesmo que simbólica violência entre os homens. As figuras “A luta dos anjos”, de Gustave Doré, “Os quatro cavaleiros do apocalipse”, de Albrecht Durer e “O rosto da guerra” de Salvador Dalí, servem para compreender o que a autora quer nos repassar. Do mesmo modo que:

Os mitos, bem como sabemos, são narrativas que revelam e explicam, de forma cifrada, as verdades sobre a vida e assim, mesmo estes mitos ancestrais, atemporais e transhistóricos, falam de coisas identificáveis na existência dos homens: a violência jacente nas relações humanas a marcar a difícil convivência através do tempo (PESAVENTO, 2006, p. 2).

Arendt (1994) coloca, sobre o conceito de violência, que a luta de classes, o capitalismo, a luta pelo dinheiro, pelo poder e a guerra fazem parte do homem e da sua natureza. Já Chesnais e Debarbieux (*Apud* ABRAMOVAY (2002), p. 22), “expõe que o conceito de violência muitas vezes é utilizado de forma indiscriminada para referirem-se a agressões, incivilidade, hostilidades e intolerâncias”.

No entanto, na sociedade em que estamos atualmente, a violência é exposta de maneira direta ou indiretamente, isto é:

Direta, quando atinge imediatamente o corpo da pessoa que sofre; ou indireta, quando opera através da alteração do ambiente físico na qual a pessoa se encontra; ou também quando se subtraem, se destroem ou se danificam os recursos materiais. Tanto na forma direta quanto na forma indireta prejudicam a pessoa ou o grupo alvo. [...] A ação de violência tem em vista uma alteração danosa do estado físico do indivíduo ou do grupo (MARRA, 2007, p. 34-35).

Marx ao criticar o capitalismo coloca a violência como algo estrutural da sociedade burguesa, assim a violência teria como principais autores a classe dominante que atuaria contra o proletariado. Fazendo com que estivessem sempre por cima, utilizando a opressão. (*Apud* OLIVEIRA, 2011, p. 58)

Para Marx e Engels o estado burguês exerce uma violência sobre o proletariado permitindo assim formas de desigualdade econômicas, fazendo com que os burgueses estejam sempre acima do proletariado. (*Apud* OLIVEIRA, 2011, p. 58).

Weber coloca que a violência está articulada como poder, a violência do estado deriva do uso da força física exposta pela lei instituída, violência essa que dela se é utilizada a repressão para o exercício do poder. (*Apud* OLIVEIRA, 2011, p. 58).

Diógenes afirma que:

Desse modo, os estudos clássicos que tocam direta ou indiretamente na temática da violência estruturam-se em dois níveis: 1) atribuem à violência um valor instrumental, acoplando-a a dimensão de poder/dominação/classe, sendo analisada como epi-fenômeno. 2) embora se destaque a violência como campo diferenciado do poder, por sofrer esse “isolamento”, a partir de teorizações construídas sob o signo da idéia de marginalidade/desvio, ela passa a ser entendida como acontecimento que ocorre “fora” das relações travadas no corpo social. (1998, p. 81).

A violência no primeiro nível é colocada como um epi-fenômeno, ou seja, um elemento que é incluído e utilizado como um instrumento sem exercer qualquer influencia, e no segundo nível a violência é exposta como um acontecimento que geralmente acontece separadamente do social.

É preciso observar que a violência vai além das agressões e da destruição de bens, tornando-se, violência também, todo e qualquer ato sociocultural e simbólico que afetem de má fé os indivíduos de uma sociedade.

Segundo o artigo 7º da Lei nº 11.340/2006 do Conselho Nacional de Justiça, diversos os termos de violência são expostos: **A violência física** caracteriza-se pelos atos de danos ao corpo, a mente, e a bens materiais; **A violência verbal** é caracterizada pelo ato de agressões com palavras que denigrem o próximo; **A violência institucional** caracterizada pelo ato de haver desigualdades geralmente em algumas sociedades; **A violência intrafamiliar** caracterizada pela violência sofrida dentro da própria residência por um membro da família; **A violência moral** caracterizada pelo ato de caluniar, difamar ou injuriar o próximo; **A violência patrimonial** caracterizada pelo ato de subtrair bens, valores ou objetos de outra pessoa; **A violência psicológica** caracterizada pelo ato de degradar ou controlar ações, comportamentos, crenças e decisões por meio de intimidação, e também **A violência sexual** que é caracterizada pelo ato de obrigar uma pessoa a manter contato sexual, físico, verbal ou participar de um ato sexual por meio de intimidações/ameaças etc.

1.1 Violência no ambiente escolar

Dentre esses tipos de violência que acompanham o nosso dia a dia dentro da sociedade, os tipos de violências que encontramos no meio escolar são diversas e isto se torna ponto de

reflexão contínuo, atualmente os casos presenciados em escolas são frequentes situações envolvendo crianças, adolescentes, sejam meninas ou meninos, o ato de violência se tornou algo meramente comum no ambiente escolar.

Inicialmente não se pretende determinar cada eixo que motiva esse ato dentro da escola, pelo fato de serem diversos os motivos que ocasionam este comportamento. Para iniciar será realizada uma classificação do que é nos tempos atuais, a definição do termo “violência escolar”, serão caracterizados os eixos importantes, como locais em que situam as instituições, as pessoas envolvidas, qual o comportamento dessas pessoas e por fim as consequências das ações destes indivíduos.

O conceito de “violência escolar” não se diferencia dos outros conceitos, pois de qualquer forma é um ato que machuca e denigre o outro da mesma maneira. Enquanto a sociedade não parar para refletir que a escola é lugar para se desenvolver o bom convívio e não a violência, e que o homem não vive nem resolve tudo com violência, situações como estas continuaram a ocorrer dentro das instituições de ensino, pois “algumas estratégias usadas pela escola se limitam a banalizar a violência” (MARRA, 2007, p. 60).

Inesperadamente:

O crescimento da violência de uma forma bastante acelerada tem desequilibrado a interlocução entre os pares escolares, trazendo entraves à efetivação das intenções da escola, e prejudicando visivelmente a comunidade. Conhecer e compreender esse fato em suas variadas expressões de realização poderá nos esclarecer a forma desejável – e não utópica – de eliminar os conflitos, mas de administrá-los de uma maneira conciliatória a partir da identificação de suas causas; (MARRA 2007, p. 62-63).

Conforme Ristum e Bastos (2004) o termo “violência” possui conceitos que podem defini-la “(...) sem a especificação de critérios, ou com critérios confusos, de forma a dificultar seu uso por outros pesquisadores. Consequentemente, são muitas as dificuldades encontradas na complementação ou na comparação entre os dados de diferentes pesquisas” (p. 226).

A escola deve ser um lugar onde o aluno desenvolverá suas habilidades intelectuais e sociais, fazendo com que se tornem seres críticos. A escola deve ser um local seguro, prazeroso, lugar onde o aluno possa conhecer suas capacidades, e conhecer os outros desenvolvendo consigo mesmo como quer agir/ atuar na sociedade.

O contexto social em que as escolas estão inseridas, mas precisamente as escolas públicas, demonstram um alto teor de desigualdade, não ocultando o desenvolvimento da

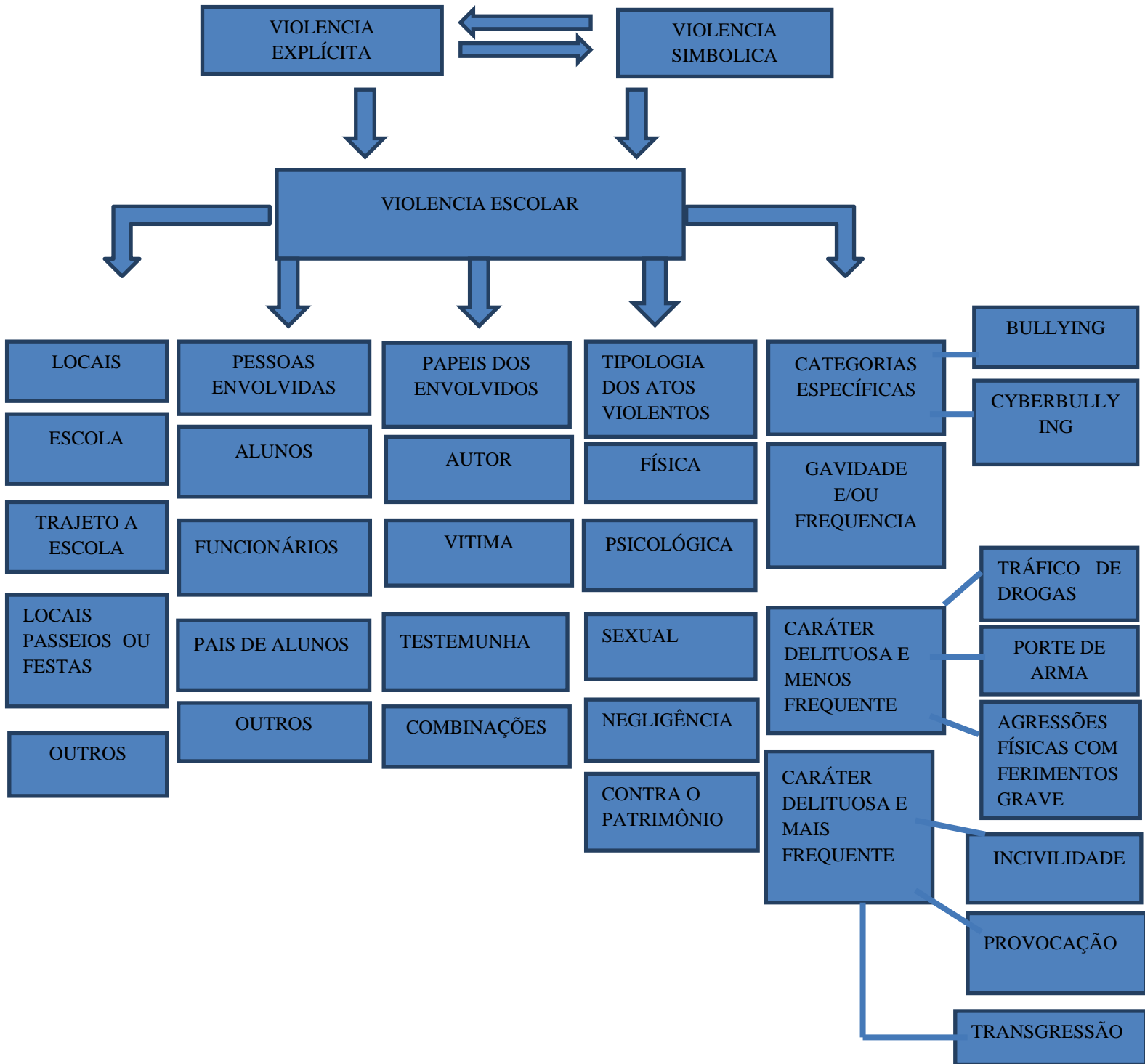
sociedade que a torna capitalista fazendo com que haja a exploração do homem pelo homem. Em uma sociedade assim a escola é o meio pelo qual se deve buscar desenvolver novas significações para se preservar as relações e os valores e combater a violência.

O primeiro eixo de definição da violência escolar é a localização geográfica. A violência escolar pode ocorrer em diversos espaços relacionados ao aluno não, necessariamente, ocorre dentro das dependências da instituição, pode ocorrer à frente da escola, em via pública, na volta no trajeto casa-escola, em locais onde ocorram festas escolares, ou até mesmo, por meio de violência simbólica, por mensagens ameaçadoras por meio eletrônico (celular e/ou internet). Há uma diversidade de locais que pode ocorrer o ato de violência escolar. Portanto, não se pode definir o conceito de violência escolar apenas com a localização geográfica.

Outro eixo de definição da violência escolar é quem são os autores envolvidos na violência, geralmente quando se fala em violência escolar automaticamente já se possui a visão de que os autores envolvidos são alunos ou professores, no entanto toda e qualquer pessoa dentro da instituição pode estar envolvida em algum ato de violência dentro da escola.

A violência escolar pode ocorrer em qualquer relação interpessoal, ainda que ocorra com mais frequência pelo fato da desigualdade de condições de poder (WILLIAMS, 2003). Assim, toda e qualquer pessoa além de alunos e professores estão sujeitos também a sofrer violência escolar, seja porteiros, faxineiras, inspetores, diretores, recepcionistas, voluntários, dentre outros. Pais e/ou responsáveis de alunos, podem cometer, sofrer ou testemunhar atos de violência a outros que compõem o espaço escolar. Além destes indivíduos pode haver outros que adentram à instituição apenas para cometer estes atos violentos. O esquema a baixo possibilita o entendimento dos eixos de definição da violência escolar:

Figura 1. Esquema sobre o conceito de violência escolar



Fonte: Stelko-Pereira e Williams, 2010.

Em nossa sociedade há aqueles grupos que são afetados diversas vezes, como é o caso de termos ofensivos praticados com pessoas que são negras, que possuem uma situação

socioeconômica pequena, e também homossexuais. Assim, portanto, ao analisar o eixo de quais os autores envolvidos deve-se levar em consideração também se preconceito, discriminação social, étnica e desrespeito à diversidade sexual, que podem juntar-se ocasionando o ato de violência escolar.

É de importância entender que o mesmo “indivíduo que pratica o ato de violência escolar pode tornar-se ora autor do ato, ora vítima do ato” (Watson, Andreas, Fischer e Smith, 2005) e “ora testemunha do ato” (Fante, 2005; Neto e Saavedra, 2003). (*Apud* STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010, p. 50). Testemunhas de atos violentos sofrem consequências, pois começam a obter medo de agressões e passa a acreditar que agir com violência é a melhor maneira de resolver o problema.

Fante (2005) “realiza as seguintes subdivisões para os papéis que diversificam o ato de violência escolar: **Vítima típica ou passiva**- aquela que mantém o sigilo da violência que sofreu; **Vítima provocadora**- aquela que provoca reações que não pode lhe dar depois; **Vítima agressora**- aquela que reproduz a violência que sofreu; **Agressor**- aquele que busca vitimar os mais fracos; e por fim, **O espectador**- aquele que presencia o ato de violência mais não sofre e nem pratica a violência”. (*Apud* STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010, p. 50).

A violência escolar pode ser separada em dois eixos: **Agressões Verbais**- que são xingamentos, desrespeito, ofensas, ou qualquer ato grosseiro de se expressar (ABRAMOVAY, 2005); E **violencianão-verbal**- agressões física, destruição do material, roubo, etc. (NETO E SAAVEDRA, 2003, *Apud* STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010, p. 51).

De acordo com Debarbieux (2002), deve-se ter consenso de que só é violência escolar: Apenas o que for possível de punição penal e estiver relacionado à forma bruta de violência e todo e qualquer ato de transgressão e incivilidade, ou seja, atos de desobediência de indelicadeza com o outro. Assim transgressões, incivilidade, indisciplina e provocações fariam parte da definição de violência escolar. (*Apud* STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010, p. 52).

Segundo Charlot (2002) a transgressão diz respeito a comportamentos contrários a instituição mais não a ponto de infringir leis; já a incivilidade é o comportamento que não infringe leis também e nem uma regra da instituição mais sim as regras do bom convívio. A provocação é o ato entre a agressividade e a brincadeira, em que o provocador busca causar na

vitima frustração, ansiedade, raiva, vergonha e etc; porém de maneira que a vitima escape. (p. 437).

O conflito entre pessoas nos ambientes escolares vem gerando um determinado receio entre professores, alunos e os demais componentes que presenciam essas atitudes dentro das instituições. Atualmente os atos de violência no meio escolar tornaram-se consecutivos fazendo com que, perante a sociedade, isso se torne algo comum de se observar e acompanhar no cotidiano.

Para Adorno a escola, convive com a *violencedouce*, que quer dizer que a escola pode atuar “como aparelho disciplinar exaustivo, destinado a forjar cidadãos devotos às razões da pátria e do estado” (ADORNO, 1995, p. 311). No entanto, apesar disto, a escola mudou bastante como explica o sociólogo, ressaltando que a escola surpreendentemente é:

Visualizada como locus da violência. Ao contrário, nunca aparece à opinião pública como tal. Embora as agressões físicas contra os estudantes, no passado, perpetradas por agentes escolares sob fortes argumentos surpreendentemente educativos, tenham sido repudiadas e abolidas da pedagogia moderna, nem por isso a escola deixou de disseminar a violência de modo velado - *violencedouce* - pouco acessível aos olhares intrusos daqueles preocupados em extingui-la de seu cenário (ADORNO, 1995, p. 311).

Dentro das instituições o ato de violência vem de ambas as classes sociais e econômicas, seja na instituição pública ou privada, a violência pode ser concretizada por qualquer pessoa que obtenha a consciência do que quer fazer, seja aluno com aluno, funcionário com aluno ou até mesmo educadores (professores/diretores/coordenadores) que estão naquele ambiente para desempenhar a função de intermediador-conselheiros para que atos como este não ocorra dentro de um ambiente onde se aplica e ensina o conhecimento. Segundo Sposito (2001), bem como:

Em um artigo que faz um balanço sobre as pesquisas sobre violência escolar no Brasil, destaca que a relação conflituosa entre alunos e professores tem gerado um medo constante entre professores, que apelam para a segurança policial, o que afeta a qualidade da interação educativa e o clima escolar. O autor considera que os anos 1990 sejam um momento de mudanças no padrão da violência nas escolas públicas englobando agora não só atos de vandalismo, mas também práticas de agressões interpessoais. As agressões entre professores e alunos tornam-se cada vez mais presentes nas escolas públicas brasileiras a ponto de haver um grande número de afastamentos de docentes por problemas de saúde. Os estudos, ao indicarem a presença de manifestações de violência em outros grupos sociais, apontam também para uma crise da função socializadora da escola. Ou seja, esses atos violentos sinalizam as dificuldades da unidade escolar em criar possibilidades para que

tais condutas assumam a forma de um conflito capaz de ser acertado no âmbito da convivência democrática (p. 100).

Desta forma os autores Abramovay e Rua (2002) “nos explicam que as violências são múltiplas e diversas, é por este fato que são violências no plural, pois para cada ato de maldade, perseguição e má fé há um termo para explicá-la para a nossa compreensão”. (*Apud* STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010, p. 53).

Charlot (2002) “define violência na escola como todo e qualquer ato que não esteja nos parâmetros da escola, tornando a instituição apenas um local de um ato violento que poderia acontecer em qualquer outro local e por diversos motivos, como disputa de bairro, onde eles tornam a instituição de ensino o local para o confronto e realização deste ato violento”. (p. 434).

Nas pesquisas feitas por Sposito (2002) o mesmo analisou que a violência escolar está presente em muitas cidades do país e não necessariamente apenas nas capitais, nesta pesquisa o autor também analisou que os índices de violência escolar estão frequentes tanto em escolas públicas quanto em escolas privadas fortalecendo o entendimento de que independente de classe social ou econômica situações de violência fazem parte do cotidiano escolar. (*Apud* PRIOTTO e BONETI, 2009, p. 17).

Uma violência institucional, simbólica onde os jovens aceitam palavras ofensivas, insultos e atos que denigrem sua alta estima que possa vir dos próprios adultos que compõem o corpo de ensino é algo que está presente dentro dos modos de violência. Charlot (2002, p. 434) evidencia a violência escolar em três eixos no qual se manifesta: A violência na escola, a violência da escola e a violência contra a escola. No entanto Abramovay (2005, p. 77) ressalta que esses eixos são insuficientes quando relacionados a situações na escola como: briga de alunos com alunos ou alunos e professores dentro da instituição.

Assim Abramovay (2005) tornou-se mais abrangente a sua visão com relação aos três eixos de manifestação fazendo com que aja uma melhor compreensão.

A violência na escola caracteriza-se pelas manifestações do cotidiano no espaço escolar, seja por professores, por alunos, funcionários, diretores ou qualquer indivíduo que esteja dentro das dependências da instituição, que pratiquem atos de violência física como: agressões, roubos, suicídios, homicídios, espancamentos, deferimentos, assaltos, ferimentos, golpes, estupro, agressões sexuais, exibicionismo, porte de armas que ferem, sangram e

matam o uso de qualquer tipo de droga, ou desacato (palavras grosseiras, indelicadeza, humilhações, falta de respeito, intimidações ou bullying). (*Apud* PRIOTTO e BONETI, 2009, p. 20).

Em todo caso essas agressões geralmente envolvem alguém que pertence à instituição, o que ocasiona na utilização do espaço como local para esses atos; na maioria das vezes os locais mais utilizados são os portões de entrada, via pública em frente à instituição ou até mesmo nas dependências institucionais.

A violência da escola se baseia nas práticas que é utilizada pela instituição que prejudiquem os membros que a compõem, sejam com os fracassos escolares, os desinteresses, a desvalorização, os preconceitos, a expulsão que já demandaria para a ameaça dentre diversos fatores.

A violência contra a escola caracteriza-se pelo ato de destruição da mesma, de vandalismo e mal uso de todo e qualquer componente da instituição (cadeiras, mesas, portas etc.).

Assim, pode-se observar o ato de violência dentro da instituição de forma contínua, que machucam mesmo não sendo fisicamente, o ato de ser grosseiro, colocar apelidos, tirar brincadeiras sem graça, torna-se um ato de violência silencioso que ofende e machuca e que pode ser caracterizada como incivilidade/opressão diária, como diz o autor Debarbieux (2002) com relação aos atos mínimos de opressão que:

Utilizar o termo incivilidade ao se referir aos empurrões, grosserias, piadas, atos corriqueiros que desestabilizam boa convivência. São violências miúdas, cometidas por alunos e professores que, dada a constância, desestabilizam tanto quanto um ataque grave, revelando que a violência pode ser uma agressão eventual, mas também a opressão diária. (*Apud* Oliveira, 2011, p. 64).

1.2 Violência e agressividade na perspectiva de thomas hobbes, jean-jacques rousseau, edward lorenz e hannah arendt

Neste capítulo exploraremos os estudos e conhecimentos de filósofos e estudiosos com relação à violência e a agressividade exposta por nós seres humanos e de onde descende este ato, quais os eixos que levaram ao ser humano obter tal comportamento com os que são de sua mesma espécie.

Nós, enquanto nossa linhagem, temos conceitos diferenciados sobre de onde descendemos. Alguns acreditam que viemos da criação de Adão e Eva, outros acreditam que descendemos dos macacos, e são inúmeros posicionamentos.

Wranghan e Peterson (1998) situam nossa agressividade na herança primata, principalmente os chimpanzés, seguindo os estudos de Morris (1969), que foi um dos primeiros autores a investigar nossa herança primata na década de 1960. “É verdade que chimpanzés e humanos regularmente matam adultos da própria espécie. Os chimpanzés e os humanos também compartilham outros males; assassinatos políticos, espancamento e estupros” (WRANGHAN e PETERSON, 1998, p. 164).

Na criação do nosso mundo, fomos criados como os únicos animais da fase da terra que possuem a habilidade de pensar/raciocinar, por isso somos chamados animais racionais. No entanto, são diversas as espécies que possuem apenas os extintos, o que os tornam irracionais.

Os animais irracionais utilizam da agressividade e da violência para sobrevivência e são seres que não possuem a habilidade de pensar. Com os seres humanos, ocorre algo parecido, no entanto o ser humano utilizasse da violência e da agressividade como algo para fazer o mal, mesmo que possuindo a habilidade de pensar/raciocinar/entender o homem prefere utilizar a agressividade, ato este que foi transformado em violência por nós seres humanos.

Assim, expomos a visão de Hobbes, Rousseau e outros estudiosos, com relação à agressividade e a violência.

Para Hobbes o homem é agressivo por natureza, é egoísta e motivado pela paixão, pelo sentimento. Ele expõe que o homem não é social, e se é, é pelo seu próprio interesse, o mesmo enxerga o homem como um ser sem limites e com desejo de poder.

O estudioso relata que a primeira lei natural do homem é fazer tudo que estiver ao seu alcance para obter a paz, mais se não conseguir, utiliza-se de meios de guerra para conseguir. Em Hobbes o homem é de natureza má, é naturalmente intrépido, ou seja, não tem medo, e procura atacar, combater o próximo, e acredita que a natureza humana não se altera com a história.

O alerta que Hobbes faz é que o estado de natureza ainda está presente no nosso dia a dia e que uma hora ou outra a nossa camada de civilidade que nos protege pode romper-se

principalmente quando o soberano a frente do poder de estado não conseguir manter a ordem e a paz.

Hobbes destaca que para ele o homem artificial é um produto movido pelo sentimento o que o torna frágil de ser dobrado pelo medo e obediente a um estado forte. Na sua visão o ser humano é violento, egoísta e que a sua passionalidade é colocada em ação para preservar-se fazendo com que sua vida seja modelada. Além disso:

Todos os homens no estado de natureza têm o desejo e a vontade de ferir, mas não procedente da mesma causa, não deve ser condenado com o mesmo rigor. Um conformado a aquela igualdade natural vigente em nós, permite aos demais o mesmo que ele reivindica para si (é o pensamento de um homem temperado, e que avalia seu poder de maneira correta). Outro, supondo sua superioridade frente aos demais, quer ter licença para fazer o que bem entende, exigindo mais respeito e honra do que julga serem devido aos demais (é a exigência de um espírito ígneo). No segundo homem, a vontade de ferir vem de vã glória, e da má avaliação que ele faz da sua própria força; no outro, provém da necessidade de defesa, assim como a sua liberdade e seus bens, da violência daquele. (HOBBS, 2004, p. 33).

Assim pode-se observar que para Hobbes não existe diferença entre agressividade e violência, e que o homem é violento por natureza, violência essa que decorre das relações humanas e da criação da linguagem. A violência é uma realidade no século XVII, para Hobbes a sociedade é violenta, mais nem sempre é uma agressividade destrutiva ou violável.

1.2.1- Perspectivas de Jean-Jacques Rousseau a cerca da violência e da agressividade

Para Rousseau o homem, ou melhor, a criança é piedosa e só utiliza a violência como método de defesa, sendo a violência algo do seu meio social. Ele acredita que o homem nasce com limitadas necessidades e aptidão para piedade e também que a razão e a moral do homem partem da passionalidade da sensibilidade que é presente na perfectibilidade criada por Rousseau. Para o mesmo o histórico cultural é o fruto do mal no homem.

Rousseau expõe que o homem tornou-se este ser violento e agressivo a partir do seu meio natural, já que o homem competia com os animais, fazendo com que desenvolvesse suas próprias armas e aperfeiçoassem seus artifícios para conseguir alimento. Não apenas:

Sendo o corpo o único instrumento que o homem selvagem conhece, é por ele empregado de diversos modos, de que são capazes dada a falta de exercício, nossos corpos, e foi nossa indústria que nos privou da força e da agilidade que a necessidade obrigou o selvagem a adquirir (ROUSSEAU, 2000, p. 238).

O estudioso, em contrário à Hobbes, expõe que o homem não se distingue dos animais apenas pela linguagem, mais pelo modo de pensar, agir, de aperfeiçoar suas atitudes. Aperfeiçoamento este que torna o homem um ser capaz de adaptar-se a linguagens, a cultura, para Rousseau o homem traz à potencialidade de fazer o bem.

Assim estudioso expõe que a agressividade é algo “impulsivo e natural seja relacionado à criança ou ao selvagem, até que se adquira entendimento”. (ROUSSEAU, 1999, p. 56). A agressividade é trazida a tona como modulo de proteção e defesa, sendo a piedade e a compaixão o caminho para se obter o amor de si. Para Dent (1996), o amor de si é um instinto natural do homem que faz com que ele se alto preserve, sem a necessidade de disputar com o outro.

Rousseau ressalta que a violência é criada pelo homem e é através disto que podemos fazer com que a sociedade torne-se mais justa e desenvolva a ética. E que a relação adulto/criança, faz com que a criança torne-se o individuo que almeje a agressividade e a violência, sendo também influencia do adulto a criança obter apenas seus atos no estado natural com o adulto apenas acompanhando, monitorando para que a criança possa crescer de acordo com a sua natureza.

Para o mesmo as tendências naturais seriam boas e a sociedade que às estragaria. O inicio da transformação do homem, segundo Rousseau, inicia a partir da divisão do “meu e o teu”, onde a disputa por quem é o melhor acarretará na má conduta e transformação das atitudes do individuo.

Conforme explana Boudieu (2009) e Clastres (2004), o que estrutura a sociedade é a violência e a criança entra nesse ambiente já presenciando a violência simbólica, e depois utilizasse de transgressões para prejudicar o outro, intencionalmente. E Castor Ruiz (2009) expõe que não podemos fugir da violência, porque ela estrutura o social, a violência não deve ser vista apenas na sua negatividade, pois ela cria novas formas de relacionamento entre as pessoas. (*Apud* ALMEIDA, 2010, p. 202).

1.2.2- Edward Lorenz e suas explicações sobre violência e agressividade

Lorenz expõe seus conhecimentos e estudos a cerca da violência e da agressividade, demonstrando o seu ponto de estudo, em alguns eixos demonstrando concordar com Rousseau e com Hobbes e também de discordar em alguns aspectos, mais sempre enfatizando o seu entendimento e estudos sobre o tema em questão.

Para Lorenz (1982) “o homem é revestido de instinto, e um desses instintos é o *imprinting*, que funciona como instinto de sobrevivência, sendo a racionalidade a chave para o desenvolvimento sócio- cultural do homem”. (p. 116). Porém:

A primeira função compensadora da moral responsável, aquela que impediu os australopithecus de destruírem a si próprios com seus primeiros utensílios de pedra, não teria sido possível sem uma apreciação instintiva da vida e da morte (LORENZ, 1994, p. 79).

Diferentemente de Hobbes e Rousseau, Lorenz registra o homem no social. Socialização esta que esculpe os padrões de comportamento do homem fortalecendo assim sua cultura.

Lorenz se aproxima de Rousseau quando diz que a origem “do mal” do homem decorre da perversão da organização social, e que a agressividade serve para conservar cada espécie, mais não tornando isto um estado de guerra, como Hobbes descreve. Para Lorenz o homem é um ser social e este fato pode diminuir os atos agressivos.

O estudioso expõe que a posse individual fez com que a agressividade entre os homens se tornasse o início de uma vivência mais densa, algo semelhante ao que foi descrito por Rousseau. Segundo Lorenz (1994):

[...] A industrialização e o avanço tecnológico, aliados à superpopulação, provocam uma “psicopatia generalizada na sociedade” (p. 277).

A psicopatia social é aquela na qual o homem fraqueja abertamente, sob a pressão que lhe é imposta, tornando-se neurótico ou delinquente (p. 289).

Assim Lorenz concorda com Hobbes e Rousseau no fato de que não existe ruptura entre agressão/biologia e violência/cultura e que a natureza humana não muda quando passada do estado de natureza para a natureza social.

1.2.3- Violência na perspectiva de Hannah Arendt

Para Arendt a violência tem um caráter instrumental, é realizada por meio de instrumentos/ferramentas. É sempre uma reação que enfraquece o poder, é um agir sem argumentos. Segundo Arendt (1994), “[...] a forma extrema de poder é Todos contra um; a forma extrema de violência é um contra todos” (p. 36). São fenômenos distintos, caminham em direção oposta e não são suficientes para dar conta da complexidade das interações entre indivíduos e sociedade.

Arendt expõe que a violência precisa de um eixo que lhe direcione, assim o poder é um eixo que justifica o ato de violência. A mesma coloca que a violência é um instrumento de manutenção do poder; O poder está relacionado à autoridade, tendo autoridade a violência é meio que inútil, pois as pessoas respeitam quem está no lugar de autoridade.

Segundo a autora, a violência aparece sempre que há condições propícias como: perda de autoridade ou determinadas transformações no poder. Expondo que o estado soberano tem comando dos meios de violência seja na esfera da ameaça interna ou na externa. Na interna que seriam os policiais, tribunais e na externa que são as forças armadas.

Para Arendt estudar a violência, através dos meios naturais de onde surgiu ou de onde se define já não é seu interesse, ela acredita que a violência pode se refletir de fins políticos. A mesma explica que a violência é um instrumento para coagir e impor ordem.

Segundo Arendt (2001) A violência está imposta no processo de trabalho do ser humano: “o homo faber, criador do artifício humano, sempre foi um destruidor de natureza” (p.152). A estudiosa ressalta que o termo violência está relacionado há varias definições e há confusões na utilização desse termo: “Penso ser um triste reflexo do atual estado da ciência política que nossa terminologia sobre violência não distinga entre palavras-chave tais como ‘poder’ (power), ‘vigor’ (strenght), ‘força’ (force), ‘autoridade’ e, por fim, ‘violência’ – as quais se referem a fenômenos distintos e diferentes” (ARENDR, 2009, p. 59).

Ressaltando que o conceito de violência é o processo de desmitificação do termo violência, ou seja, desfazer um engano, uma farsa, sobre algo que foi imposto, Arendt coloca que o fato de agir com rapidez decidida não torna a violência irracional. E sim,

Pelo contrário, na vida privada como na vida pública, há situações em que a própria prontidão de um ato violento pode ser um remédio apropriado. O ponto central [...] é que, em certas circunstâncias, a violência – o agir sem argumentar, sem o discurso ou sem contar com as consequências – é o único modo de reequilibrar as balanças da justiça. [...] Neste sentido, o ódio e a violência que às vezes – mas não sempre – o acompanha pertencem às emoções “naturais” do humano e extirpá-las não seria mais do que desumanizar ou castrar o homem (ARENDR, 2009, p. 82).

CAPITULO II

1- FORMAÇÃO DE PROFESSORES DAS SERIES INICIAIS

O ponto a ser estudado nesse eixo, não é necessariamente o descaso ou a crítica a formação dos professores, mas sim uma visão de sua capacidade para atuar e se desenvolver de acordo com a realidade dos seus alunos e do seu cotidiano.

O termo formação de professores se designa do significado de educação, preparo, estudo dos professores. Assim como:

A formação pode também ser entendida como um processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa que se realiza com o duplo efeito de uma maturação interna e de possibilidades de aprendizagem, de experiências dos sujeitos. (GARCÍA, 1999, p. 19).

Debesse (1982) expõe três diferentes tipos de formação “autoformação, heteroformação e interformação”. A autoformação é uma formação em que o individuo desenvolve-se com independência obtendo o controle da sua formação; a heteroformação é a formação desenvolvida por especialistas e a interformação é a formação que ocorre entre os futuros professores ou professores em fase de “atualização do conhecimento”. (p. 29-30).

Lhotelier define a formação como “a capacidade de transformar em experiência significativa os acontecimentos que geralmente ocorrem no quotidiano, tendo como horizonte um projecto pessoal e coletivo” (citado em GARCÍA, 1999, p. 20).

Merze propôs quatro teorias da formação formal que é o aprender a aprender e a organização do conhecimento através dos conteúdos que darão estrutura ao aprender de cada individuo. A teoria da formação categorial “segundo a qual o processo de formação é concebido como um processo dialético através de três etapas de reflexões: a primeira consiste no tratamento intuitivo e pratico das coisas, a segunda consiste no distanciamento da realidade para captar e compreender; a terceira compreende o sentido das coisas”. (GARCÍA, 1999, p. 21).

Esta teoria não transfere ao individuo apenas conhecimentos específicos, mas também códigos de uma linguagem que proporcionará e ajudará na compreensão da realidade.

A teoria dialogística da formação que é a formação que valoriza a liberdade do individuo enquanto pessoa, sua auto realização.

A teoria de formação técnica que é a formação que segue o que a sociedade impõe e que acredita que com a formação o individuo aprende continuamente.

Para Ferry, a formação é “um processo de desenvolvimento individual destinado a adquirir ou aperfeiçoar capacidades”. Para este autor a formação de professores é diferente das outras atividades. E o mesmo, define em três dimensões: primeiro é uma formação de duas faces, a combinação entre acadêmica e pedagógica; segundo a formação de professores é uma formação que forma profissionais o que nem sempre quer referir-se a docência e terceiro “a formação de professores é uma formação de formadores, o que influencia o necessário isoformismo que deve existir entre a formação de professores e a sua pratica profissional” (FERRY, 1991, p. 52).

O educador que em sua pratica busca diversificar-se, buscar novos saberes, suprir curiosidades que possam também ser as mesmas de seus educandos, possui a capacidade de

instigar a curiosidade e a força de vontade de seus alunos em pesquisarem e buscar novas fontes. Assim se reflete acerca da formação dos docentes para um desempenho que desenvolva a vontade de se empenhar.

Ao decorrer da graduação, somos colocados à prova de muitas maneiras para que possamos aprender o teórico e em seguida a prática. No entanto, a teoria se diferencia da prática e é só quando estamos exercendo a função que percebemos a real situação que iremos enfrentar o que acarreta em muitas vezes em frustração, desânimo e falta de vontade de tornar a educação melhor com o que podermos fazer.

A atuação dos professores nas instituições é algo ainda a ser pensado pelo fato que esses profissionais não possuem uma condição adequada de trabalho, o que dificulta o desenvolvimento satisfatório e exemplar desses profissionais. Indubitavelmente

[...] Isso implica no entendimento de que os mecanismos de formação sejam percebidos como prática social inevitavelmente coerente com a prática que se pretende implantar na sala de aula e implica em saláris, planos de carreira e condições de trabalho dignas. (SOUZA e KRAMER. 1993 p. 54-55).

Segundo Freire (1996), nós enquanto educadores gozamos do pleno direito a nos pertence de exigir condições de trabalho adequadas e o salário de acordo com o empenho e importância que temos enquanto seres educadores. Com certeza

Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos ímoraes é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa dos seus direitos e da sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. (p. 27).

Garantir um ensino de qualidade para as crianças é eixo defendido por lei, toda criança tem direito a educação de qualidade, no entanto essa educação só pode ser de qualidade se o profissional responsável também obtiver uma formação adequada para desenvolver uma educação de qualidade com seus alunos. Por isso que,

A implementação das diretrizes relativas à política de recursos humanos engajados na educação infantil exigirá acordos e compromissos de corresponsabilidade dos diversos órgãos que atuam na área... Faz-se necessário intensificar ações voltadas para a estruturação de processos de formação inicial e continuadas dos profissionais da educação infantil. Isso exige a articulação, coordenada pelo MEC - através das Secretarias de Educação Fundamental (SEF) e de Ensino Superior (SESU) - entre as instâncias que prestam esse serviço, as agências formadoras e as representações desses profissionais. É fundamental o envolvimento das universidades nesse processo, especialmente por sua atuação na formação de formadores e na pesquisa e desenvolvimento na área... Constitui prioridade o investimento, a curto prazo, sem prejuízo da qualidade, destinados aos

profissionais não habilitados que atuam nas creches e pré-escolas. Ações nesse sentido serão apoiadas e incentivadas pelo Ministério.(BRASIL, 1993, p. 25).

Sendo sempre respeitado o conhecimento que o educando já possui, como Freire (1996) ressalta que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, o pensar certo, condiz com ensinar, construir conhecimento de acordo com o conhecimento prévio do educando”. (p. 15).

Portanto, assim, se pode obter o consenso que o educador possui uma importância no papel ao qual se desenvolve, pois o educador não apenas ensina ele ensina a pensar certo. Assim o educador que está acostumado com o comodismo acaba por tornar-se o educador mecanizado que sempre busca refúgios em textos, frases e métodos quase que memorizados e possui um receio de arriscar-se para que desenvolva o senso crítico a autonomia dos educandos. TARDIF (2003) expõe que:

O professor não deve se liberar da condição de sujeito, e buscar investir no seu conhecimento, em si enquanto transmissor e receptor de saberes transformando o seu saber-fazer. Assim o professor é reconhecido como o ponto chave por onde obtém-se a cultura e os saberes escolares. (p. 227).

Tardif (2003, p. 229) expõe duas tendências de como são caracterizado os professores, “como técnicos que aplicam conhecimentos produzidos por outros” e “como agentes sociais cuja atividade é determinada exclusivamente por forças ou mecanicismo sociológicos”. O mesmo reconhece que essas tendências:

Possuem em comum o fato de despojar os atores sociais de seus saberes e, portanto, dos poderes decorrentes do uso desses saberes, e de sujeitar os professores, por um lado, aos saberes dos peritos e, por outro, aos saberes dos especialistas das ciências sociais. (p. 230).

A lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, é um marco para a formação dos professores, pois, a mesma declara no, TÍTULO VI, art. 62, que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

No que foi descrito na lei, a graduação no curso de licenciatura plena no ensino superior é o ponto inicial para obter admissão para ministrar aulas na educação infantil e nas series iniciais do ensino fundamental.

Freitas (1999) observa que:

A importância dada à questão da formação pelas políticas atuais tem, por objetivo, equacionar o problema da formação para elevar os níveis de

“qualidade” da educação nos países desenvolvidos, qualidade que, na concepção do Banco Mundial, é determinada por vários fatores, entre os quais situam-se o tempo de instrução, os livros didáticos e a melhoria do conhecimento dos professores [...] (p. 18).

De acordo com a citação acima de Freitas as políticas atuais compreendem que o fato de se obter a graduação no nível superior torna a educação mais qualitativa, e torna os profissionais mais qualificados para desenvolverem um conhecimento de qualidade de forma eficaz.

Chauí (2003) “[...] essa reforma, ao definir os setores que compõem o estado, designou um desses setores como setor de serviços não exclusivos do estado e nele colocou a educação, a saúde e a cultura” (p. 2). Com isso houve a mudança de significado dada à educação:

- a) deixou de ser concebida como um direito e passou a ser considerada um serviço;
- b) [...] deixou de ser considerado um serviço público e passou a ser considerada um serviço que pode ser privado ou privatizado. (p.2).

2.1- Formação de professores e violência escolar

A formação de professores tem sido demonstrada de extrema importância não apenas para o enfrentamento de questões cotidianas mais também para a melhoria da qualidade do ensino.

Marx, na 3ª tese sobre Feuerbach, nos coloca que os seres humanos são produtos da educação e que os seres humanos que são diferentes são produtos de uma educação que mudou, essas circunstâncias são os próprios seres humanos que mudam e que o educador tem ele mesmo que ser educado.

Placco e Silva (2000), “colocaram que a formação de professores não é responsabilidade apenas do docente, mas sim, de um conjunto que envolve também o projeto político pedagógico”. (p. 50).

É de concordância com Placco e Silva que é de suma importância que as atividades de formação sejam desenvolvidas para melhor engajamento e que favoreça a participação do professor.

Por mais que o tema violência na escola já tenha sido trabalhado em algumas instituições e também em cursos, pode-se obter o consenso de que o assunto ainda não foi absorvido de maneira satisfatória pelos professores. De acordo com Saviani (2007):

Confrontando-se a estrutura do Plano Nacional de Educação (PNE) com a do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), constata-se que o segundo não constitui um plano, em sentido próprio. Ele se define, antes, como um conjunto de ações que, teoricamente, se constituiriam em estratégias para a realização dos objetivos e metas previstos no PNE. Com efeito, o PDE dá como pressupostos o diagnóstico e o enunciado das diretrizes, concentrando-

se na proposta de mecanismos que visam à realização progressiva de metas educacionais. Tive, porém, que introduzir o advérbio ‘teoricamente’ porque, de fato, o PDE não se define como uma estratégia para o cumprimento das metas do PNE. Ele não parte do diagnóstico, das diretrizes e dos objetivos e metas constitutivos do PNE, mas se compõe de ações que não se articulam organicamente com este. (p.123).

A citação acima nos possibilita observar que a formação de professores precisa ser estudada para ser inserida no projeto político para a educação. De acordo com Gasparin (2003) “o processo de formação de professores deve partir do que o professor já conhece, do que já possui domínio” (p. 56).

Autores que reproduzem a psicologia da educação mostram que além do ensino/aprendizagem os professores queixam-se sobre o comportamento dos alunos referentes à “[...] agressões, indisciplina, atitudes violentas e desrespeito à professores e funcionários [...]” (MEIRA, 2003, p. 24).

O professor que possui uma postura autoritária e agressiva dentro da sala de aula, está propício a repassar isso para os seus alunos fazendo com que os mesmos reflitam o comportamento agressivo dentro da sala de aula ou se reprimem por medo de serem punidos. De acordo com Tricoli (2002), “para que um professor possa oferecer uma boa formação para os seus alunos, ele precisa também está bem formado” (p. 98).

Os professores conseqüentemente demonstram essas atitudes agressivas por fatos ocorridos em seu ambiente de trabalho, no entanto, é possível de certa forma observar o despreparo dos professores para lidar com alunos agressivos. Assim há professores que desistem ou simplesmente não agem com relação a esta situação.

A escola tem como função ensinar ao indivíduo elementos culturais, segundo a sociedade, como “[...] conhecimentos, ideias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos [...]” (SAVIANI, 2003, p. 22). Estes aspectos não são apreendidos pelo indivíduo apenas no convívio social, ou seja, precisam ser ensinados.

O professor necessita de melhores condições para desenvolver melhor seu trabalho envolvendo a realidade à qual está inserido. E assim propor intervenções educativas, para ajudá-lo nos processos de formação e o porquê de agir de determinadas maneiras em situações de violência. Portanto a formação continuada tem sua importância neste aspecto, onde os docentes aprenderam a trabalhar e resolver situações de diversas naturezas.

A educação é apontada como eixo fundamental para a superação da violência na escola, no entanto são atividades presentes no processo de escolarização que tornam as relações de

violência em relações de não violências. Nesse sentido Meire (2003) ressalta que “[...] o processo pedagógico escolar implica não apenas a formação do indivíduo educando como também o próprio processo de formação e desenvolvimento do educador” (p. 40).

Adorno alerta os educandos acerca da educação que se pauta no processo de “esclarecimento da consciência” (ADORNO, 1995, p. 9), ou seja, não se amplia para o conhecimento social, se reprime apenas as ideias próprias de si. Expõe também até que ponto a escola necessita do professor, no geral, pois “oprime a liberdade intelectual e a formação do espírito” (ADORNO, 1995, p. 9).

Diversas administrações escolares reprimem o conhecimento científico dos professores, impondo que possuam seus “pés no chão”, reprimindo o seu poder de ir além, de desenvolver mais do que só o que já desenvolve no cotidiano escolar.

Segundo Adorno deve-se propor mudanças para os causadores e não para as vítimas o que o autor colocar como “uma inflexão em direção ao sujeito” (ADORNO, 1995, p. 47), que busca uma educação para desenvolver sujeitos críticos de autorreflexão. O autor esclarece que a inflexão foi determinada pelos motivos que levavam os culpados a desenvolverem atos de barbárie.

Para evitar esta barbárie que, citada por Adorno, ocorreu em Auschwitz a escola deve trabalhar esse pensamento crítico desde a escolarização inicial. No entanto, Adorno coloca que, o que ocorreu em Auschwitz, não irá se repetir pela “carga moral habitar seus alcoses” (ADORNO, 1995, p. 123), mas sim pelo fato de se transformar em combate todo e qualquer ato que leve um indivíduo a machucar outro.

A concepção de Adorno sobre uma educação emancipadora visa uma autorreflexão acerca do papel educacional e sua dimensão social, evitando que a barbárie se repita.

Para o autor a distinção entre educação sádica e a educação voltada para a autonomia, é essencialmente fundamental, pois, a educação sádica é fundamentada no medo e na dor, ao contrário da educação voltada para a autonomia que se fundamenta no enfrentamento do medo e de seus efeitos. Assim o mesmo considera que:

O mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema de coletivização. (ADORNO, 1995, p. 127).

De acordo com a citação acima Adorno expõe que em sua perspectiva, o método para que não se repita a barbárie de antes, é haver o esclarecimento do problema que ocorre com os indivíduos, que o coletivo possibilita um melhor desenvolvimento do ser social.

Assim então, o autor coloca que para que isso seja realizado de forma a obter um resultado satisfatório, todo ato, trote ou ritual que possa vir a gerar ou tornar-se violência deve ser evitado.

A escola é local para aprendizado e desenvolvimento do ser crítico e social, um local onde o bom convívio e o respeito devem imperar nas relações. A escola não pode tornar-se local de formas de violências diversas e atos de brutalidades entre os indivíduos. Portanto, incentivar e trabalhar o desenvolvimento dos sujeitos emancipados, acaba por se tornar ponto chave para o desenvolvimento social do indivíduo, evitando qualquer barbárie no meio escolar.

CAPITULO III

METODOLOGIA

Na pesquisa fundada neste trabalho foi utilizada entrevista estruturada, pois não houve alterações nas perguntas, de caráter qualitativo, onde foram formuladas quatro perguntas, uma relacionada ao ponto de vista e experiência dos professores com relação à violência na escola, uma com relação a vivência presencial de situações de violências na instituição, outra dialogando acerca da opinião dos professores com relação à formação e se é transferida esse conhecimento para lidar com essas situações e por fim uma sobre o que a instituição realiza para evitar essas situações de violência na escola.

A escola selecionada para ser realizada a pesquisa foi à escola municipal de Castanhal Maria da Encarnação Campos Araújo localizada no estado do Pará, no bairro do Estrela, onde se desenvolvem nos turnos de manhã e tarde, turmas de 1º ao 5º ano do fundamental e a noite EJA. A instituição foi escolhida após experiência em um estágio de docência nas séries iniciais, tornando-se assim eixo central para uma pesquisa relacionada ao tema em questão.

A instituição possui cerca de 20 professores, entre eles 4 são professores de áreas específicas para desenvolver hora atividade, dos 18 professores que lecionam na instituição foram selecionados um professor de cada série do 2º ao 5º ano sendo todos do sexo feminino, que são as séries que mais possuem probabilidade de violência.

A entrevista realizada manterá o sigilo dos entrevistados que serão identificados como Rosa a entrevistada do 2º ano do fundamental, Petúnia a entrevistada do 3º ano, Líria a entrevistada do 4º ano e Margarida a entrevistada do 5º ano.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Tabela 1. Motivos que ocasionam atitudes violentas e métodos utilizados por professores.

ENTREVISTADOS	MOTIVOS QUE OCASIONAM ATITUDES VIOLENTAS	MÉTODOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES
Professora Rosa(2ºano)	Presença de violência na família.	Através de conversa/dialogo
Professora Petúnia (3ºano)	Reflexo da família; Separação dos pais ou Ate alimentação.	Impedir, tentar conversar. Se não resolver levar a coordenação ou direção e conversar com os pais.
Professora Líria (4º ano)	Oriunda da família Pais intolerantes com os filhos.	Impedir.
Professora Margarida (5º ano)	Influência familiar, o que vivencia em casa reproduz na escola.	Verificar a situação ouvir ambas as partes e conversar/dialogar.

Feito por: Maira Monique da Silva Araújo, 2017.

A primeira pergunta feita as entrevistadas foi a seguinte:

Qual a sua percepção acerca dos motivos que levam as pessoas a cometerem atos violentos dentro, em frente ou próximo das instituições de ensino?

A entrevistada Rosa é formada em Artes Visuais e possui 36 anos de atuação como educadora, leciona na instituição no 2º ano do fundamental e diz:

Essa violência que vem haver na sala de aula ou no colégio mesmo já vem muitas delas já vivenciadas na própria família, o aluno já vive uma vida de violência então chega na escola ele vem praticar essas violências também e os meio de comunicação também está refletindo muito nisso, não só as crianças mais os adolescentes também.

A entrevistada Petúnia é formada em História e possui 32 anos de atuação como educadora, leciona na instituição no 3º ano do fundamental e diz:

[...] Eu vejo que isso vem de casa, isso é um reflexo de casa nos temos casos muito graves de separação de pai e mãe, [...] ou talvez a própria alimentação a criança sem se alimentar. [...] Então ela tenta chamar atenção de alguma forma. [...] na minha sala eu vejo eles não tem respeito entre si.

A entrevistada Líria é formada em Pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia e possui 25 anos de atuação na área. Leciona na instituição no 4º ano do fundamental e diz:

Provinda, oriunda da família dentro da instituição familiar, hoje em dia infelizmente os pais eles estão muito assim meio que intolerantes com os filhos e por conta disso a criança acaba repercutindo aquilo que é transmitido no lar, não vou disser que são em todos. E isso acaba acarretando atos infracionais dentro da escola, o que deveria ser contido no lar, na família é trazido para a escola e acaba agente tendo que lidar com “N” situações.

A entrevistada Margarida é formada em Pedagogia e possui 8 anos de atuação na área. Leciona na instituição no 5º ano do fundamental e diz: “Eu acredito que a principal causa disso seja a influencia familiar porque o que eles vivenciam em casa na escola eles só reproduzem o que eles vivenciam nos lares deles”.

Ambas as entrevistadas ressaltam que a origem dessa violência vem de casa, do ceio familiar, que os alunos que possuem atitudes violentas possuem também algum tipo de problema na família, seja separação dos pais ou pais que moram juntos mais não vivem como um casal e brigam diversas vezes na frente dos filhos.

Foi de forma explícita entre as falas das entrevistadas que geralmente a criança que expõe atitudes violentas na escola é porque presencia essa violência em casa, ou em alguns casos sofre algum tipo de trauma e transpõe a raiva ou a magoa através da violência. Como ressalta Silva (2004) que diz que:

Alguns fatores como carência efetiva, falta de cidadania e modelos positivos, podem contribuir para que crianças e adolescentes cometam violência e se transformem em criminosos. Devido à ausência de afeto, as crianças podem recorrer à violência como forma de chamar atenção para receber afeto. (Apud por SOUZA, 2008, p. 127).

Portanto, segundo o autor a falta de atenção e afeto dos pais ocasionam reviravoltas nas atitudes dos filhos. Algo que também é ressaltado na fala da entrevistada Líria onde diz que: “Alguns pais não possuem paciência com seus filhos”. Diante desta fala, ressalto que o ambiente familiar não se torna a única fonte de onde pode se originar as atitudes violentas. No entanto

ele passa a ser parte essencial para a iniciação deste comportamento. Como diz Justo (2004) que:

Como sabemos, nem sempre a mãe ou o pai conseguem ocupar efetivamente o lugar que lhes cabe na relação entre si ou com os filhos. Podem se tornar extremamente distantes, recusando a função materna ou paterna, ou procurar uma aproximação exagerada, transformando-se em ‘amiguinhos dos filhos’, ou então se colocar em oposição, produzindo verdadeiras colisões ou esmagamentos do lugar do filho. Em qualquer um desses casos não há lugares bem delimitados e construídos na relação. No primeiro, há um esvaecimento de um e outro pela negação e recusa dos vínculos; no segundo, os lugares estão fantasmaticamente sobrepostos, colados, impedindo a diferenciação e, no terceiro, o antagonismo exarcebado cria a mesma dependência e a mesma confusão dos lugares pela negação, onde cada um se define não por afirmar o que é e pretende, mas por se afirmar em oposição ao outro (‘sou e quero o que ele não é e não quer’) (p. 97).

Assim pode-se obter o completo consenso de que o ambiente familiar não se torna o único responsável pelas atitudes agressivas, no entanto é fonte principal para o desenvolvimento satisfatório ou não das crianças.

A segunda pergunta foi:

Já como professora a senhora presenciou algum ato de violência dentro da instituição em que se encontra? Se sim, qual a sua atitude no momento?

Entrevistada Rosa relata que:

Às vezes na sala de aula, os alunos conduzem o bullying, na sala de aula eles ficam falando palavras que denigrem a imagem do colega. O que eu faço é através de conversa, quando é pra separar também aquelas briguinhas deles, eu vou e separo, mais através do dialogo.

A entrevistada Petúnia ressalta que:

Sim já presenciei varias vezes quase que diária eles estarem se agredindo. Claro que é de impedir aquele momento, tentar conversar, se não resolver leva para a coordenação ou direção, quando não se consegue contornar. Chamam a família pra conversar.

A entrevistada Líria relata de forma mais explicativa que:

Já, não foi exatamente com um aluno meu mais alunos de outras colegas, não é porque não sou professora da turma que eu vá passar e ignorar e deixar pra lá deixar os meninos se matarem, não, a minha atitude eu acredito que qualquer um de nós pode fazer essa atitude foi o que , chegar junto com a criança, outro dia mesmo o menino estava agredindo o outro eu tive que pegar um aluno por aqui e os colegas todos pedindo pra ele se afastar, quer dizer foi um forma que pelo menos eu tentei fazer, uma ação minha. Já

cheguei a tirar estilete da mão do menino porque ele veio com atitude de querer realmente cortar, machucar o colega.

E a entrevistada Margarida diz que:

Já, na verdade a maioria dos alunos, é mais a questão da agressão física mesmo de socos e agressão verbal também como insultos com a questão do bullying também essas ofensas, é muito presente. No momento eu tentei verificar qual foi a situação ouvir as duas partes, depois de ouvir as duas partes eu fui conversar com cada um pra saber por que ele fez aquilo e tentar aconselhar.

As entrevistadas relatam que buscam agir por si só para evitar situações de violência nas instituições. Os mesmos ressaltam que suas atitudes ao se deparar com situações de violência é impedir e conversar com os envolvidos. Demonstrando assim que podem fazer algo ao invés de apenas observar ou direcionar a coordenação ou direção. Como relata a entrevistada Líria quando diz: “[...] Não é porque não sou professora da turma que eu vá passar e ignorar e deixar pra lá [...]”.

Demonstrando assim que independente de quem for o educador responsável pelas crianças envolvidas, atitudes devem ser tomadas e refletidas para evitar esse comportamento, no entanto os autores Johnson e Johnson (1992) “discutem essa questão, afirmando que para se alcançar uma cooperação efetiva é necessário, entre outras coisas, considerar o grau em que os participantes percebem que são interdependentes entre si e que o sucesso dessas interações é mutuamente causado”. (*Apud* RAPOSO E MARCIEL, 2005, p. 316).

Ou seja, os autores ressaltam que o trabalho deve ser em grupo os indivíduos que compõem a instituição deve buscar empenhar-se para evitar a violência na escola.

De acordo com Moscovici (1998), “é usual e enganoso pensar os membros do grupo desempenhando apenas duas funções distintas: liderança e participação simplesmente. Para ela a liderança não pode ser tão marcada e continuamente desempenhada por apenas um membro do grupo”. (*Apud* RAPOSO E MACIEL, 2005, p. 316). Ou seja, o trabalho na instituição é em conjunto não esperar somente pela coordenação ou direção equivalente, mas sim haver uma ação de ambas as partes para evitar situações de violência na instituição.

Assim, exponho que em uma instituição de ensino não se pode ter essa divisão, pois ambos os indivíduos ali atuantes buscam o mesmo objetivo, melhorar o ensino e desempenhar um trabalho para o desenvolvimento dos alunos. Então o que se deve ser refletido e fixado é que o trabalho em conjunto é fonte fundamental para um desenvolvimento satisfatório de

qualquer instituição, e também para a exclusão de todo tipo de malefícios que possam atrapalhar o andamento do ensino.

A terceira pergunta foi:

Como educadora, sente-se apta para lidar com situações de violência?

A entrevistada Rosa diz que:

Não. Nós não somos preparados pra isso não agente age do nosso jeito, pode ser certo, pode ser errado, não sei mais agente age do nosso jeito e através do dialogo com eles mostrando à eles o que é certo, o que é errado, que temos que respeitar uns aos outros.

A entrevistada Petúnia afirma que: “Com certeza não em nenhum momento tu és preparada para isso aprende na pratica”.

A entrevistada Líria explica que:

De preparar, prepara só que a teoria é aliada da pratica, mais nem sempre aquilo que você tem na sua formação não quer dizer que você vem preparado para lhe dar com esses tipos de atitudes as vezes você se vê totalmente perdido.

A entrevistada Margarida expõe que:

Acredito que não! Porque nós não temos disciplinas voltadas pra isso, o que agente ler, agente conhece é mais questão de pesquisa que agente tem por curiosidade de querer solucionar os problemas que tem dentro de sala de aula.

De acordo com o relato das entrevistadas, durante a nossa formação, somos expostos a diversas teorias e algumas práticas. No entanto, não quer dizer que estamos realmente preparados para lhe dar com a realidade, isso só acontecerá quando estivermos lecionando. Os professores ressaltam também que não são preparados para lhe dar com tais situações no cotidiano escolar.

Das entrevistadas apenas um relatou que a graduação nos prepara, no entanto, não quer dizer que já se vem preparado para todo tipo de situação, algumas situações acontecem para nos ensinar a encarar e resolver os problemas da melhor maneira.

Já Saviani (2008) diz “que o que se opõe de modo excludente à teoria não é a prática, mas o ativismo do mesmo modo que o que se opõe de modo excludente à prática é o verbalismo e não a teoria. Pois o ativismo é a ‘prática’ sem teoria e o verbalismo é a ‘teoria’ sem a prática. Isto é: o verbalismo é o falar por falar, o blá-blá-blá, o culto da palavra oca; e o

ativismo é a ação pela ação, a prática cega, o agir sem rumo claro, a prática sem objetivo” (p. 128). Ou seja, o autor já possui uma outra visão do ponto aqui relatado.

No entanto, de acordo com os resultados da entrevista realizada, os educadores sentem que a formação para a realidade veio em concordância com a experiência, que de acordo com que iam obtendo contato com as mais variadas situações eles iam se aperfeiçoando por si só, não renegando o que foi ensinado durante a graduação, pois contribui para o desenvolvimento do docente enquanto profissional, só que o ponto a ser aqui exposto é a realidade que muitas vezes nos assusta ao momento que nos deparamos na real situação.

Assim como o pensamento de Sánchez Vasquez (1968) que diz que “[...] enquanto a atividade prática pressupõe uma ação efetiva sobre o mundo, que tem por resultado uma transformação real deste (sic), a atividade teórica apenas transforma nossa consciência dos fatos, nossas idéias sobre (sic) as coisas, mas não as próprias coisas”. O autor também explica que “a teoria é importante mais só ela não pode desenvolver um bom educador”. (p. 210).

Portanto, Sanchez nos deixa explícito que a teoria e a prática devem está em junção, pois uma complementa a outra. Ele expõe que “Entre a teoria e a atividade prática, transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização de meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso como passagem indispensável para desenvolver ações reais, efetivas. Nesse sentido, uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação”. (SÁNCHEZ VASQUEZ, 1968, p. 207).

Assim conclui-se que nós enquanto educadores só nos sentimos aptos de acordo com o que presenciamos no nosso cotidiano, e geralmente nem assim estamos prontos para toda e qualquer situação que encontrarmos.

A Quarta e ultima pergunta foi:

- O que a instituição realiza ou propõe para evitar atos violentos na escola?

A entrevistada Rosa relata que:

A escola a poucos dias teve uma palestra alguém de fora para conversar sobre essa parte, sobre essa violência na escola então isso já foi uma coisa boa. A escola hoje já coloca brinquedos, no recreio tem muita violência um empurra outro pula, ela tenta fazer alguma coisa, se preocupa.

A entrevistada Petúnia diz que:

Eles fizeram um projeto que chama “Guardiões da paz”, o projeto não foi lançado, estão esperando algumas coisas, já fizeram reunião com os pais, lançaram a proposta, só que como são tantas coisas, vai atropelando algumas, por exemplo, daí parou, faz alguma coisa aí para, mais assim de fato ainda não está acontecendo, mais assim, está preparado e assim vai tentando contornar as coisas.

A entrevistada Líria descreve que: “Palestras, encontros, recentemente houve uma palestra em que a coordenação chamou os pais/responsáveis para uma conversa com relação a isso”.

A entrevistada Margarida relata que:

Bom na verdade, aqui agente tem um projeto dos “guardiões da paz” que são os alunos que apresentam maior agressividade dentro de sala de aula são eles que estão a frente e dentro de sala, agente na verdade a escola sempre aconselha agente a conversar muito com eles com relação a isso e esses projetos que eles colocam que agente trabalha dentro de sala.

As professoras entrevistadas relatam que são diversos os métodos realizados pelos professores para evitar essas situações dentro de sala de aula e na própria instituição. Os métodos relatados pelas entrevistadas são os mesmos, palestras que são realizadas dentro da instituição, que buscam alertar tanto os funcionários, quanto os pais, do que pode acontecer se situações de violência não forem evitadas.

Projetos também são desenvolvidos na instituição, no entanto, não possuem à determinada importância pelos administradores e profissionais, pois de acordo com o relato das entrevistadas, é iniciado o projeto e é parado.

De acordo com Cepal (1995), “Um projeto social busca, por meio de um conjunto integrado de atividades, transforma uma parcela da realidade, reduzindo ou eliminando um déficit ou solucionando um problema para satisfazer necessidades de grupos que não possuem meios para solucioná-las por intermédio do mercado” (p. 20).

Na visão de Nogueira (1998), “Projeto social é um conjunto de ações que tem por propósito provocar impactos sobre os indivíduos ou grupos denominados população-alvo ou beneficiários que compreendem uma determinada destinação de recursos e responsabilidades em um período de tempo determinado”. (*Apud* FILHO, 2011, pág. 34).

Assim se obtém consenso de que os projetos são parte importante do desenvolvimento da instituição, com relação a situações que envolvem os futuros cidadãos que estão sendo

formados dentro daquela instituição. Além de que abre os olhos dos indivíduos para possíveis desvios no comportamento das crianças que são os futuros cidadãos da nossa sociedade.

“A elaboração de um projeto implica em diagnosticar uma realidade social, identificar contextos sócio-históricos, compreender relações institucionais, grupais e comunitárias e, finalmente, planejar uma intervenção, considerando os limites e as oportunidades para a transformação social”. (ARMANI, 2002). (*Apud* FILHO, 2011, pág. 34).

Portanto, assim se obtém consenso que não se é dada a devida importância com relação aos fatores que podem melhorar o ensino e o desenvolvimento das crianças enquanto futuros cidadãos. Todo e qualquer ato grupal para explanação de conhecimento com intenção de melhorar o cotidiano da instituição e de seus alunos deve ser levado a sério e cumprido de maneira organizada para se obter um resultado satisfatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo nos possibilitou uma análise e entendimentos acerca da violência na escola, caso muito presente nas instituições de ensino de todo o Brasil, não sendo diferente no Município de Castanhal/PA.

Com o acompanhamento de autores referência no tema em questão, explanando a visão de cada autor e suas concepções acerca da violência, da violência escolar e da formação de professores, eixos principais que foram discutidos neste trabalho de conclusão de curso.

A violência escolar acontece de várias maneiras nos diversos ambientes das escolas, sendo praticada por todo e qualquer membro que compõe a instituição de ensino. Este tema é de extrema importância sua discussão e sua reflexão, pois a escola é um ambiente para se desenvolver o conhecimento, e o bom convívio entre as crianças e os profissionais que lá atuam e a visão e relato de experiência de professores mais experientes possibilita uma melhor compreensão de qual a visão dos professores em atuação sobre o tema violência escolar.

A pesquisa apesar da amostra pequena de entrevistados se tornou bem proveitosa facilitando o entendimento do pensamento e da visão do professor em atuação, além de alcançar os objetivos propostos da pesquisa e de trazer proveito para mim enquanto futura educadora e irá contribuir com a formação de outros futuros graduandos que buscam explicar mais e mais esse tema que possui tanto a ser refletido e estudado.

Houve dificuldades para o desenvolvimento da pesquisa que foram solucionadas e não interferiram no andamento da pesquisa. A administração da escola recebeu-me bem e com bastante atenção, se oferecendo para relatar aos professores sobre a entrevista. As entrevistadas foram bem amigáveis e não se opuseram a realização da entrevista e nem da gravação da conversa, e assim ajudaram de forma satisfatória para o desenvolvimento da pesquisa.

A dificuldade encontrada está relacionada apenas na elaboração das perguntas para a entrevista, no entanto, como a entrevista se desenvolveu de maneira informal com as questões surgindo ao longo da conversa, assim mesmo com a dificuldade inicial o restante decorreu satisfatoriamente.

Em conversa com as entrevistadas, pude observar que as professoras relataram apenas o que é feito por si, com relação ao que a instituição desenvolve, obtive impressões que os entrevistados não relatam muito o desenvolvimento de como se trabalha para ajudar a evitar situações como as de violências na escola, apenas um dos entrevistados relatou a real situação, que a instituição inicia um trabalho para melhoramento de um ponto específico na instituição e para, não obtendo continuidade no que foi iniciado.

As outras entrevistadas demonstraram não se sentir confortável em enfatizar muito nas questões do trabalho da instituição (administração), e interrompiam sua fala e seguiam falando de seus métodos para evitar a violência dentro da escola.

Por fim, ressalta-se que os resultados encontrados nesta pesquisa, demonstram que os sujeitos envolvidos sentem-se impotentes para lidar com situações de violência na escola, no entanto, esse medo aos poucos vai se sucumbindo pelo fato da experiência ir se aprimorando, pois nós seres humanos trazemos em nossas atitudes as mesmas atrocidades dos anos passados. No entanto, cabe a nós afirmar o outro para que possamos conviver se relacionar em paz transpondo a liberdade de cada indivíduo.

Assim, chega-se a conclusão que parte dos professores só se sentem aptos o suficiente quando já possuem experiência em campo, mas ainda assim afirmam que a formação não os preparam para lidar com situações deste porte.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Mirian; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Unaid, Banco Mundial, Usaid, Fundação Ford, Consed, Undime, 2002.
- ABRAMOVAY, Mirian. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO. BID, 2002.
- ABRAMOVAY, Mirian (org). **Violência nas escolas: situação e perspectiva**. Boletim 21, Brasília/DF, 2005.
- _____. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, v. ano 4, n. jul-dez, p. 432-442, 2002.
- ALMEIDA, Hermano José Falcone. **VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE EM HOBBS E ROUSSEAU: ETOLOGIA, GENES E AMBIENTE**. 2010. 228 f. Tese (Doutorado Integrado em Filosofia). UFPB- Universidade Federal da Paraíba; UFPE- Universidade Federal do Pernambuco; UFRN- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, João Pessoa-PB.
- ADORNO, Theodor. **A violência na sociedade brasileira**. Sociedade e Estado. v. 10, n. 2, jul./dez., p. 299 - 342.1995.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- ARMANI, D. **Como elaborar projetos sociais**. Tomo Editora: São Paulo, 2002.
- BRASIL. Lei federal 9.394 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases de Educação Nacional**. Diário Oficial (da República Federativa do Brasil) . Brasília, Distrito Federal, Diário Oficial da União, 23 dez. 1996.
- CANDAU, Vera Maria & LELIS, Isabel Alice. A Relação Teoria-Prática na Formação do Educador. IN: CANDAU, Vera Maria. **Rumo A Uma Nova Didática**. Petrópolis, Vozes, 1995, pp. 49-63.
- CASTRO, M. G., & ABRAMOVAY, M. (2003). **Marcas de gênero na escola, sexualidade e violências/discriminações representações de alunos e professores**. Disponível em :http://www.ritla.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=5981&Itemid=350>. Acesso em: 15 março 2010.
- CEPAL. **Educação e conhecimento: eixo da transformação produtiva com equidade**. Brasília: IPEA/CEPAL/INEP, 1995.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Conferência de abertura da 26.ª Reunião da ANPEd**. Poços de Caldas, Minas Gerais, 05 out. 2003.

CHARLOT, B. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, n.8, ano 4, p.432-443, jul./dez. 2002.

CHARLOT, B. (2002). **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, ano 4, n. 8, pp. 432-443.

DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. **Violências nas escolas**: dez abordagens Europeias. Brasília: UNESCO, 2002.

DEBARBIEUX, E. (2002). “Violências nas escolas”: divergências sobre palavras e um desafio político. In E. Debarbieux&C. Blaya (Orgs.), **Violência nas escolas e políticas públicas**(pp. 59-87). Brasília: UNESCO.

DEBESSE, M. **Um problema clave de laeducación escolar contemporânea**. Barcelona: Oikos-Tau, 1982.

DIÓGENES, G. (1998). **Cartografias da violência**. Gangues, galeras e o movimento hip-hop. São Paulo, Annablume.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, Verus, 2005, p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo, (coleção leitura) editora Paz e Terra S/A, 1996.

FERRY, Gilles. **El trayecto de laformación**. Madrid, Paidós, 1991.

FERRY, Gilles. **Le trajet de Formación**. Paris, Dunod, 1983.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. A reforma do ensino superior no campo da formação dos profissionais da educação básica. In: **Revista Quadrimestral de Ciência da Educação – Formação de Profissionais da Educação: políticas e tendências**. Rio de Janeiro, NúmeroEspecial, 68, 1999.

FILHO, Delcivaldo da Silva Araújo. **A importância dos projetos sociais desportivos na sociedade Brasileira-Analise do projeto riacho doce Belém-Pará Brasil**. Porto, 2011.

GAUTHIER, P. **Por uma teoria da Pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Rio Grande do Sul: INIJUI, 1998.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Barcelona, Porto Editora, 1999.

GUIDINI, Fernando. **A formação pedagógica dos professores da educação básica**. Ed. Appris. Curitiba, 2017.

<http://www.educacionenvalores.org/spip.php?article809>

<http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/lei-maria-da-penha/formas-de-violencia>

JOHNSON, D. W. & JOHNSON, R. T. **Positive Interdependence: cooperation**, Em **R. Hert-Lazarowitz**. & N. Miller (Orgs.). Interaction in cooperative groups: the theoretical anatomy of groups learning (pp. 174-199). Cambridge University Press, 1992.

LAND, D. (2003). **Teasing apart secondary students' conceptualization of peer teasing, bullying and sexual harassment**. *School Psychology International*, 24(2), 147-165.

MARTINS, Eni de Fátima. **Formação de professores e violência nas escolas**. São Paulo, 2010. 193 f. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica.

MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. **Violência escolar: a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola**. São Paulo: Annablume, 2007.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória e História: as marcas da violência**. Revista de história e estudos culturais, v. 3, ano III, nº 3, , p. 1-15, UFRGS, 2006

RAPOSO, Mírian; MACIEL, Diva Albuquerque. **As Interações Professor-Professor na Co-construção dos projetos pedagógicos na escola**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, Vol. 21 n. 3, pp. 309-317, 2005.

RISTUM, M., & BASTOS, A. C. de S. (2004). **Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental**. *Ciência e Saúde Coletiva*, 9(1), 225-239.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil**. História e teoria. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. In: **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.27, nº 1, 2002.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001..

SPOSITO, M. P. (1998). **A Instituição escolar e a violência**. *Cadernos de Pesquisa*, n.104, pp. 58-75.

SANTOS, Silas Daniel. **O fenômeno da violência escolar na visão de hannah Arendt**. Campo Grande: UEMS, v. 3, n.9, março de 2013.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

TRICOLI, V. A. C. O papel do professor no manejo do stress do aluno. In: LIPP, M. N. (Org.). **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2002. p. 95-107.

WATSON, M. W., ANDREAS, J. B., FISCHER, K.W. & Smith, K.W. (2005). Patterns of risk factors leading to victimization and aggression in children and adolescents. In K. A. Kendall-Tackett, & S. M. Giacomini (Orgs.), **Child Victimization: Maltreatment, bullying and dating violence, prevention and intervention**. (pp. 12.1-12.18). New Jersey, USA: Civic Research Institute.

WARNER, B. S., WEIST, M. D., & KRULAK, A. (1999). **Risk factors for school violence**. *Urban Education*, 34(1), 52-68.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência IV**. Brasília, 2011.

WILLIAMS, L. C. A. (2003). Sobre deficiência e violência: Reflexões para uma análise de revisão de área. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 9(2), 141-154.